

# Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 185 — Domingo, 23 de Dezembro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O «Notícias do Algarve»  
apresenta cumprimentos  
de Boas Festas a todos  
os seus estimados co-  
laboradores, assinantes,  
anunciantes e amigos.

AVENÇA

## NATAL PORTUGUÊS

EM Portugal, país cujas próprias origens estão indissolúvelmente ligadas ao cristianismo, todas as grandes festas do calendário, aquelas que mais arreigadas se encontram no coração do povo, sempre coincidem com as grandes festividades religiosas.

Assim é o Natal. O nascimento de Cristo é uma efeméride celebrada pelos portugueses com o entusiasmo íntimo, com a profunda convicção religiosa de comemorar um dos mais extraordinários e mais faustos acontecimentos da história da humanidade.

E o povo português rejubila intensamente com o nascimento de Cristo, criando-se por toda a parte, desde as mais humildes às mais altas camadas da população, um intenso ambiente de alegria, de sereno e radioso contentamento, em que o divino se mistura ao humano, numa quase perfeita imagem da encarnação do Verbo.

A típica alegria natalina dos portugueses é bem viva e espontânea. O brado dos anjos que anunciam a boa-nova aos pastores — Paz aos homens de boa vontade — encontra, neste país, completa e inteira compreensão. A índole do seu povo, essencialmente lírica, leva-o a sentir e a compreender, melhor do que qualquer outro passo da vida de Cristo, o seu nascimento humilde e enternecedor.

Por isso, o Natal é a festa das crianças e dos poetas. Pode dizer-se, mesmo, das crianças-poetas — que outra coisa não são os bandos de rapazinhos que, de porta em porta, nas aldeias e cidades, vão cantando in-



## O MEDO DO FUTURO

Por N. RODRIGUES PENA

NO presente momento da vida de milhões de pessoas projectam-se as sombras do futuro. E essas sombras anunciam inquietação e receio. O medo do futuro impede que se viva a relativa tranquilidade dos dias que vivemos. Milhões de vidas vivem nessa permanente angústia,

milhões de vidas não encontram repouso, porque na sua frente, como núvens sombrias, paira a ameaça do desconhecido, e possíveis e terríveis tempestades podem desabar sobre as suas existências. O Homem continua a ser abandonado, alvo dos temporais mais inesperados — folha sacudida às fúrias dos maus ventos.

O Homem tem medo e, na verdade, permanece quase tão desprotegido como os primeiros homens que se viram a braços com as forças da natureza, que não podiam nem sabiam dominar. A única diferença é que a luta hoje se trava noutro campo e as forças que o subjagam são de outra espécie, forças poderosas, no entanto, que provocam os mesmos pavores, idênticas angústias. O Homem continua a sofrer de fome como os homens das épocas primitivas, não pelo motivo de não saber arrancar da terra o alimento necessário para a sua conservação, mas paradoxalmente porque produz em excesso; o Homem continua desabrigado, não porque não saiba construir sólidas e confortáveis habitações e existir no mundo carência de materiais de construções; o Homem continua a ser vítima dos mil acasos que podem, dum momento para outro, transformar a sua vida num ver-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## CARTA DE LONGE

### ECOS DA VIDA DE MACAU

Por J. DE GARVALHO E RÊGO

DURANTE alguns dias, e com extraordinária concorrência, esteve em exibição, num dos cinemas desta cidade, o documentário em cinemascópio «Abril em Portugal», produção inglesa, em que uma ingénua fan-

tasia se alia perfeitamente às belezas da nossa capital.

Documentário de observação perfeita e cuidada sequência, foi uma verdadeira revelação para uma grande maioria, que ainda julga que Portugal se enaltece apenas por patriotismo, e que Lisboa é uma capital muito aquém das mais conhecidas cidades do mundo.

Por notícias recebidas de Hong-Kong, sabe-se ter feito, ali, o referido documentário um verdadeiro sucesso; pois, tanto naquela cidade como em Macau, nunca houve ocasião de se conhecerem as belezas da nossa capital, nos seus variados aspectos de cidade antiga e moderna, resplandecente de luz e cor, plena de movimento, a satisfazer, sem reservas, as exigências dos mais conspícuos viajantes.

Lisboa! A nossa Lisboa, que nos aparece grandiosa, típica e romântica, deslumbrando o espectador, que jamais julgou ver confirmado o velho ditado que diz: «quem não viu Lisboa não viu coisa boa».

Pois foi preciso que uma companhia estrangeira se lembrasse de ir a Portugal fazer um documentário, embora pequeno para o interesse que desperta, para que, por aqui, houvesse ocasião de se apreciar um trabalho cinematográfico de inteligente propaganda do nosso país.

Seria de aconselhar que, de futuro, a Repartição de Propaganda e Turismo fizesse um con-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## CARTA DE LISBOA

### UMA SEMANA

para as mães portuguesas

Por D. ROSÁLIA BRAAMGAMP

DESDE há dezanove anos que as Mães portuguesas têm a sua semana na vida pública nacional. Desde que justamente foi fundada a Obra das Mães pela Educação Nacional, já em plena vigência do actual sistema político.

Sem dúvida, um dos objectivos que presidiram à instituição do organismo foi o de lembrar à desatenta mocidade do nosso tempo a religiosidade das tradições de família e integrá-la no trilha cristão dos bons cos-

tumes morais. A par disso, o de toda uma campanha de amparo à Mãe pobre, senão também da sua educação de costumes. Era vulgar a mulher de trabalho, carregada de filhos, ignorar muitos dos preceitos de higiene a ter com a criança e dispensar-se de atavios para os novos rebentos. Pode dizer-se que a coisa hoje mudou consideravelmente. Assim, elucida, a Mãe de qualquer condição recuperou o brio que a dureza da vida lhe fizera embotar. E, sem dúvida, ganhou a ne-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## HOSPITAL REGIONAL DE FARO

Uma numerosa Comissão composta de individualidades algarvias do maior destaque, acompanhada pelo sr. governador civil de Faro e pelos deputados srs. coronel Sousa Rosa e eng. Sebastião Ramirez, foi recebida pelos srs. ministros das Obras Públicas e do Interior, a quem expuseram a necessidade da construção do Hospital Regional de Faro.

Tanto o sr. eng. Arantes e Oliveira, ilustre titular das Obras Públicas, como o sr. ministro do Interior, dr. Joaquim Trigo de Negreiros, manifestaram perfeita compreensão da urgente necessidade da construção solicitada, prometendo a melhor boa vontade para a resolução do assunto.



COIMBRA — Vista do Mondego

## COIMBRA E AS FÉRIAS GRANDES

1 TODOS os anos um interregno abate sobre Coimbra. Perigo de morte

para a vida de qualquer cidade, ele vem cruzado com a caveira, nas férias grandes, o período de repouso escolar, que quase abarca três meses. Três meses de um adormecer sereno, de ruas despovoadas, de sol pondo reflexos de ouro nos velhos monumentos.

Entornam-se, então, claridades desmedidas pelo casario. A folhagem dos parques ergue convites, sem resposta possível, para a calmaria das suas sombras. E sobre tudo o que resta de uma cidade por assim dizer morta, paira o silêncio angustioso das coisas e dos seres, dos dias decorrendo monótonos e quentes.

2 PARA que a cidade não decaia, periodicamente, sistematicamente, durante o tempo que decorre entre o partir e o voltar dos estudantes; para que Coimbra não pare com o seu ritmo de vida durante as férias grandes, as suas férias fatídicas, vários têm sido os planos, muitas as intenções postas em jogo, chocantes os interesses criados, diversas as tentativas falhadas. Mas poucas — oh, muito poucas — as realizações.

3 DE TUDO, há a destacar assinalado desenvolvimento das suas forças capitalistas; a tentativa, inacabada por falta de expediente, da Piscina-praia

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)



apresenta  
**UMA CRÓNICA**  
por semana

SE não tivessem tropeçado logo de início, faria agora, pelo Natal, precisamente um ano que iniciiei no «Notícias do Algarve» as minhas crónicas.

Mais um Natal. Que di-

## RENDEU CERCA DE 140 CONTOS O CORTEJO DE OFERENDAS DE OLHÃO

COM larga representação de carros de todas as freguesias do concelho, realizou-se, no domingo passado, em Olhão, o Cortejo de Oferendas em benefício da Misericórdia daquela vila, o qual, embora ainda não esteja feito o apuramento total das dádivas recebidas, calcula-se ter rendido cerca de 140 contos.

O cortejo, em que participaram, além dos carros das freguesias de Moncarapacho, Fuseta, Quelfes, Pechão e Olhão, a Banda da L. P., Escuteiros e muito povo, desfilou pelas avenidas dr. Bernardino da Silva e da República, e rua dr. Oliveira Salazar, até ao edifício do Grémio dos In-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

zer do Natal, que já não se tenha dito? Que há quem tenha lanta ceias e quem regele de frio em barracas de latas velhas? Que há meninos com lindos e custosos brinquedos, enquanto outros esbarracham o nariz afilado contra as montanhas das lojas? Para que pincelar a tela de tons tristes — prepositadamente tristes? Para quê insistir na literatura barata, de cordel? De nada serve, e o tema está estafado, mais velho do que o Pai Natal.

Queiramos ou não, continuará a haver diferenças sociais pelos tempos fora. O que nos parece melhor é cada um procurar ter o seu melhor Natal, em cada ano que passe. Um Natal todo à sua maneira. Um Natal rico ou pobre, mas um Natal.

Natal na consciência, Na-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

# Notícias PESSOAIS

## Partidas e Chegadas

Encontra-se nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. António José Palermo, mecânico e conservador da Indústria de Conservas de Peixe, residente em Vila do Porto, Santa Maria (Açores).

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa Redacção, o nosso prezado assinante sr. António Gomes Relógio, residente na Foz (Odeleite).

Encontra-se entre nós, em gozo de férias e de visita a sua família, o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. José Herculano Leiria, furiel de Infantaria, residente em Lisboa.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo sr. Vítor da Silva Ruivo.

Regressou de Lisboa, acompanhado de sua esposa, o nosso estimado amigo sr. Luís Gonçalves Camarada, gerente do Banco Português do Atlântico nesta vila.

Encontra-se nesta vila, em gozo de licença, o nosso conterrâneo sr. José António Palermo, 1.º cabo-mecânico da Aeronáutica.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila, em casa de seus pais, o nosso estimado amigo sr. dr. Fernando Leonel Viegas Alves, filho do nosso querido amigo e colaborador sr. Manuel Rodrigues Alves.

## Falecimentos

### Joaquim Gonçalves Saias

No passado dia 18, faleceu, numa Casa de Saúde de Faro, onde se encontrava em tratamento, o sr. Joaquim Gonçalves Saias, proprietário, natural de Olhão, casado com a sr.ª D. Emilia Saias e pai das sr.ªs D. Antonieta Saias do Sacramento Nunes, D. Suzana Saias e do sr. Afonso Gonçalves Saias, e sogro do sr. Renato do Sacramento Nunes, chefe da delegação do Instituto de Conservas de Peixe no Funchal.

O funeral realizou-se, no dia seguinte, para o cemitério de Olhão, onde o corpo ficou depositado em jazigo de família.

### Silvério Gonçalves Saias

Com o curto intervalo de dois dias sorbe a morte de seu irmão, sr. Joaquim Gonçalves Saias, ocorrido em Faro, como acima noticiámos, faleceu, inesperadamente, em Olhão, vítima por um ataque de angina-pectoris, o importante e conceituado industrial naquela vila, sr. Silvério Gonçalves Saias, de 51 anos de idade, casado com a sr.ª D. Cândida de Andrade Saias e pai das meninas Cândida e Vitória Maria de Andrade Saias.

O extinto, pessoa muito considerada em Olhão, onde disfrutava de gerais simpatias, merecia das suas excelentes qualidades de carácter, era irmão dos nossos prezados amigos e assinantes naquela vila, srs. Luís Gonçalves Saias, Manuel Ribeiro Saias e Tomás Gonçalves Saias, e das sr.ªs D. Mariana e D. Vitória Saias, cunhada do sr. Orlando Ribeiro e tio das sr.ªs D. Laura Saias Folque, casada com o nosso querido amigo e assinante em Lisboa, sr. engenheiro José de Brito Folque, D. Manuela, D. Vitória, D. Silvéria, D. Mariana, D. Olga e D. Maria Joana Saias, e dos srs. António, Joaquim, Manuel e dr. Luís Saias, e do sr. dr. João Saias, ausente em África.

O funeral do saudoso extinto constituiu uma impressionante manifestação de pesar, tendo-se incorporado nele, além de muitas centenas de pessoas de todas as categorias sociais de Olhão e diversas agremiações locais, muitas dezenas de pessoas de diferentes terras da província, vendendo-se largas representações de industriais de todos os centros do Algarve.

A toda a família enlutada, apresentamos cumprimentos de sinceras condolências.

### José Flores Leiria

Faleceu nesta vila, no dia 17 do corrente mês, o sr. José Flores Leiria, de 45 anos, pintor, natural desta freguesia. O falecido, que era casado com a sr.ª D. Rita Ferreira Leiria, deixa quatro filhos menores e era irmão dos srs. Maglório Alexandrino Leiria e Benjamim Flores Leiria, residentes em Setúbal.

À família enlutada, apresentamos sentidos pésames.

Funeral a cargo da «Agência Patrocínio».

Assinal e propague «Notícias do Algarve»



## PROVINCIA

### TAVIRA

#### Biblioteca Pública

Continua sem solução a abertura ao público da nossa Biblioteca Pública, obra instituída por um benemérito falecido e que se encontra abandonada num velho edifício, onde certamente as intempéries darão cabo do que ali há. Existe um bibliotecário nomeado, a vencer ordenado, mas destacado para outros serviços. Por que razão não se abre a biblioteca ao público, ou não se dá um cavaco sobre tal silêncio? Apelamos para quem de direito.

#### Ajardinamento

Continua, também, sem solução o ajardinamento da placa na encruzilhada que vai para Santa Catarina, no centro da cidade. Há já muito tempo que vemos a referida placa abandonada, sem que haja alguém que se dedique a ordenar a sua conclusão. Por que razão se espera, quando era tão fácil acabar com a má impressão que causa tal abandono, o que iria valorizar aquela artéria de concorrência? Pedimos também a quem de direito um pouco de mais atenção.

#### Chegaram as chuvas?

Tavira, um concelho essencialmente agrícola, anciava pelas chuvas, a fim de se fazerem as sementeiras, que já estavam atrasadas. Na passada noite de terça-feira, choveu copiosamente, coisa que não se verificava há já muito tempo, o que veio animar os camponeses. Oxalá que possamos ter ainda um bom ano agrícola, com boas colheitas, e que também os preços dos artigos não sofram exorbitâncias.

#### Festas do Natal

Todo o comércio se prepara para as festas do Natal. Já se vêem as montras repletas de artigos próprios para a quadra, e oxalá os negócios sejam bons, para compensar até certo ponto as inclemências do ano bissexto de 1956. Há terras no País, em que por estas alturas o comércio ornamenta as ruas, o que dá até certo ponto uma nota de modernismo. Porque não se faz por cá o mesmo? Era interessante e certamente a edilidade facilitaria a sua colaboração nas referidas ornamentações. — e.

## REGULAMENTO DOS ESTRANGEIROS EM PORTUGAL

Em conformidade com o Edital publicado pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado, todos os estrangeiros maiores de 14 anos, residentes em Portugal, são obrigados a apresentar os seus documentos de residência ao visto anual, durante o mês de Janeiro, naquela Polícia ou, nas localidades onde não exista, nos comandados da P. S. P. ou nas Câmaras Municipais.

Igualmente se determina que todas as Empresas ou Sociedades, quer nacionais quer estrangeiras, são obrigadas a enviar à P. I. D. E., em Janeiro, uma relação dos estrangeiros ao seu serviço. Também os proprietários de hotéis, hospedarias e congêneres, ou quem albergue na sua residência estrangeiros, ficam obrigados a comunicá-lo imediatamente à Polícia Internacional ou às Autoridades policiais ou administrativas concelhias, sob as penas legais, em caso de transgressão do disposto pela Lei e publicado pelo referido Edital.

## Agradecimento

Maria Eugénia Ramires Sanches e seus pais, na incerteza de o poderem fazer pessoalmente sem incorrer em involuntárias omissões, agradecem por este meio a todas as pessoas que os acompanharam e se interessaram pelo seu estado, quando do grave desastre que sofreu.

## VENDE-SE

Propriedade Monte S. Bartolomeu. Dirigir propostas em carta fechada para a Rua de S. Pedro, n.º 21, Faro, ficando-se no direito de não entregar caso as mesmas não interessem.

### LUZ DE TAVIRA

#### Inauguração da luz eléctrica

Com a presença das autoridades superiores, civis e eclesiásticas do nosso distrito, inaugura-se hoje, nesta localidade, a luz eléctrica, cujo programa é o seguinte:

As 16 horas, chegada da Banda de Tavira, que percorrerá as ruas da povoação.

As 16,30 horas, chegada dos srs. governador civil, rev. Bispo do Algarve, presidente da Junta de Província, presidente da Câmara Municipal de Tavira e outras autoridades concelhias, políticas e administrativas.

As 17 horas, bênção do transformador eléctrico, seguindo-se uma sessão solene, no salão de festas da Casa do Povo, a qual será presidida pelo sr. governador civil e em que usarão da palavra vários oradores.

Com este tão importante melhoramento, há tanto tempo desejado pelos habitantes desta risonha terra, está esta freguesia de parabéns por ver conseguida uma das suas maiores aspirações. — e.

## CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ques e o Antoine Thibault — ou a fardeta que os envolve, a cascata de cerimónia? E, ao menos, se na verdade é o amor do conteúdo que justifica a bela encadernação, não acontecerá que esta venha a sobrepor-se, a emitir que convivamos com o livro amado, apenas para a não deteriorarmos, a ela, a preciosa encadernação?

### Millonária

Vivo muito na concha e tomei este hábito de conversar com os meus leitores. Conto-lhes tudo; há-de achar-me maçadora, piegas, ninharia, já agora, porém, não quero deixar de lhes dizer o que motivou a meditação que aí fica. Um parente foi a Espanha, e que prenda havia de trazer-me? As obras completas de Federico Garcia Lorca. Mais de duas mil páginas, em papel bíblia, e numa lindíssima encadernação. Nunca se sentiram millionários? Pois eu já. Eu, dona de estrelas e do mar, de sonhos possíveis e impossíveis, eu, pela primeira vez, me senti millionária com aquela obra em meu poder. Virava-a e revirava-a, encapela-a em celofane, tocava-lhe só com as pontas dos dedos. Cheguei, medrosamente, a colocá-la na papelreira e a vê-la de longe, embevecida. Para consultar a «Casa de Bernarda Alba», fi-lo com tantas e tais precauções que deixei o livro cair no chão, com estrondo. O estrondo acordou-me. Afinal, de tanto amar Federico, estava a perdê-lo. A desperdiçá-lo. E pronto. Perdi o respeito à encadernação e até já a levo à rua. Até já a tenho à cabeceira. E quando, às mãos ambas, a aperto ao coração, sei, sei de ciência firme, que é a poesia, o conteúdo, que é Federico Garcia Lorca, que aperto ao coração.

### Pala o Vitorino?

Tenho dois amigos: o Pedro e o João. Dois camaradas são!

Um alto, outro baixo, um gordo, outro não. — Dois amigos para o inverno, o Pedro e o João.

Um nunca está calado. Outro, fecha a boca a cadeado. Ambos me apertam a mão. Três amigos, lado a lado: eu, o Pedro e o João.

A gente sangra-se, às vezes. Bem, revêzes, o berlinde, a correria, o pião...

Mas, no outro dia, não, já se esqueceu a arelta.

É a meu lado, lado a lado, um falando, outro calado, vamos andando à lição.

Há três amigos provados: Eu, o Pedro e o João.

### Documentários

Há tempos, num jornal da tarde, vi uma referência curiosa

# PELA VILA

## Novas construções residenciais

Felizmente, começamos a ver agora, na nossa terra, o capital ir saindo da sua longa apatia ou exclusivo investimento numa única indústria, para decidir aplicar-se na construção de habitações, as quais tanta falta fazem à população e ao embelezamento da vila. Em boa hora se abandonou uma atitude inexplicável de retraimento em edificar novas moradias, e esta decisão inteligente da parte do capital privado, juntamente com o plano de construções da nossa Câmara e da Federação das Caixas de Previdência, certamente vai contribuir para minorar a gravidade do problema habitacional, que constitui uma das maiores preocupações deste concelho, entrando simultaneamente o progresso da terra.

Para o distinto médico local e nosso prezado amigo sr. dr. Raul de Brito Folque, está a ser construída uma interessante vivenda moderna, num terreno entre a Rua Artilharia 1 e a Rua Pinheiro Chagas, para sua residência própria. A obra, cujo estudo foi feito pelo distinto engenheiro sr. José de Brito Folque sobre projecto do reputado arquitecto Manuel Gomes da Costa (Rebocho), está a cargo dos empreiteiros srs. Diamantino Leiria e mestre António Filipe, estando orçada em cerca de 360 contos.

Também noutra local, estão em curso de construção mais duas habitações, com 1.º andar, na Rua Conselheiro Ramirez, destinadas a residências das famílias dos srs. Henrique Dias Guerreiro e Emiliano Pereira. Os projectos são igualmente do arquitecto Gomes da Costa, a supervisão do eng. José Apolónia Correia, e os mestres-empregados são, respectivamente, os srs. A. Filipe e José Justo Martins.

Finalmente, nas proximidades do chamado «Bairro das Ciganas», vai começar a construção de uma série de moradias (a princípio, quatro, no valor total de 250 contos), por conta duma firma de Lisboa.

Que estes exemplos frutifiquem!

## COLABORE NA D. C. T.

Compreenda a D. C. T., aprendendo os conhecimentos que ela divulga.

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

Os documentários que por aí estão fazendo. Documentários de superfície, cor-de-rosa, documentários de bilhete postal. Profundamente errado, claro. Documentários, mas de como vive e sofre o nosso povo; dos instrumentos de que se serve para o ganha-pão. Do seu regime de trabalho e organização social e costumes fundamentalmente enraizados. Dos seus problemas e suas perspectivas. De maneira que, no futuro, os portugueses de então possam ver, pela imagem, como viviam os portugueses de agora.

Acertado. Digo o mesmo para a literatura. Como romance, ou crónica, ou reportagem, ou poesia, mas para quando a vida dos pescadores algarvios, dos que labutam nas grandes fábricas conserveiras, dos que mourejam ao peixe, ao escasso e ao molço na Ria de Aveiro, dos que vão na casquinha de nos à cata do bacalhau, dos mineiros, dos rendeiros atribulados, do ganhão do Alentejo e das rendilheiras de Peniche, Vila do Conde, Madeira, Algarve? Para quando?

Maria Manuela Nunes

## Ainda o Obelisco...

Esclarece-nos obsequiosamente um antigo vereador do nosso Município de que a deliberação de restaurar a nossa linda praça no seu carácter pombalino e, nomeadamente, libertar do gradeamento o obelisco dedicado a el-rei D. José, foi tomada pela Câmara da ilustre presidência do sr. dr. Manuel P. Fernandes Vargas, à qual pertenceu também, como edil, o nosso amável informador.

Fica, assim, reposta a exactidão dos factos, dando-se gostosamente a César o que lhe pertence...

## Melhoramentos locais

No amplo pátio de recreio anexo à Escola Primária Feminina, está a proceder-se ao ajardinamento de toda a parte do mesmo que se encontrava praticamente em estado baldio. No centro do jardim, fica uma fonte de repuxo, cujo terreno em redor vai ser calcetado. Já não era sem tempo que se olhasse para o estado deplorável daquele logradouro infantil, que mais parecia o «mato grosso» que o recreio da escola primária duma sede de concelho.

Também no ângulo formado pelas ruas Pinheiro Chagas e Teófilo Braga, onde existe um espaço vazio devido às demolições ali feitas, vai-se proceder ao arrelvamento daquele recinto livre, enquanto que a faixa de rodagem das citadas ruas será alargada, para facilitar o trânsito de veículos naquela movimentada zona.

## Baile a favor da Caixa

### Escolar

Organizado por um grupo de antigos estudantes desta vila, realizou-se no dia 15 do corrente, no salão nobre da Capitania do Porto, um grandioso baile, cujo produto líquido se destinava a auxiliar a Caixa Escolar das escolas locais. O festival, que foi abrilhantado pelo conjunto musical «Arco-Iris», decorreu muito animado, tendo rendido a importância líquida de 500\$00, que foi entregue ao director escolar do concelho. Esta entidade agradeceu, em nome dos pequeninos beneficiados, não só aos promotores de tão simpática iniciativa, como a todas as pessoas que a tinham secundado com as suas presenças e donativos, tornando possível alargar a benéfica missão das caixas escolares.

## BAILES

### Glória Futebol Clube

No dia de Natal, realizou-se, no Salão de Festas do Glória Futebol Clube, um animadíssimo baile, com a participação da «Orquestra Imperial Jazz», de Tavira.

### Lusitano Futebol Clube

Igualmente, no dia de Natal, realiza o Lusitano Futebol Clube, um baile que será abrilhantado pelo conhecido conjunto musical «Arco-Iris».

### Seja económico

### Poupe muito dinheiro

### PREPIRA A

### TIPOGRAFIA SOCORRO

### FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

Telefone 59 Apartado 3

### O «Notícias do Algarve»

vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

## AUTOMÓVEL

### VENDE-SE

Anglia, série 18, boa mecânica, boa apresentação e bem calçado, por 16 contos. Motivo de retirada. Nesta Redacção se informa.

## AGENDA

### MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António

De 15 a 21 de Dezembro:

TRAINEIRAS	
Flor do Guadiana	74.990\$00
Maria Rosa	73.600\$00
Liberta	69.050\$00
Raulito	65.030\$00
Tozé	58.040\$00
Janita	46.230\$00
Flor do Norte	45.340\$00
Tufão	44.420\$00
Maria Benedito	33.610\$00
Lusitana	33.590\$00
Portugal IV	31.430\$00
Sul	31.220\$00
Arrifana	26.650\$00
Tóluis	24.806\$00
Maria Sérgio	19.280\$00
Briosa	18.010\$00
Clarinha	17.818\$00
Praia do Vau	17.320\$00
Sarda	15.290\$00
Farihão	14.960\$00
Novo S. José	12.280\$00
Oca	11.600\$00
Alvarito	10.670\$00
Fóia	9.860\$00
Noroeste	9.015\$00
Portugal VI	8.800\$00
Aldita	8.780\$00
Flor do Sul	8.610\$00
Rajada	8.170\$00
Agadão	8.070\$00
Nova Forcada	7.970\$00
Norte	7.960\$00
Sr.ª da Piedade	7.810\$00
Lola	7.160\$00
Praia Amélia	6.300\$00
Conceicanita	5.630\$00
Sr.ª do Altar	4.915\$00
Triunfante	4.770\$00
Sol	4.500\$00
Dorita	4.300\$00
Persistente	4.215\$00
Peróla do Oceano	4.150\$00
Levante	4.100\$00
Andaz	3.770\$00
Infante	3.750\$00
Jomanel	3.040\$00
Estrela do Sul	3.030\$00
Luís Fernando	2.545\$00
Oeste	2.510\$00
Salvadora	2.460\$00
S. Flávio	540\$00
Total	951.964\$00

CERCO Amazona 13.085\$00

### Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

De 14 a 20 de Dezembro:

Entradas:	
SUR, Panamenho, de 924 ton., de Goole, com carvão.	
COSTEIRO, Português, de 630 ton., de Lisboa, vazio.	
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.	
CONDESA, Espanhol, de 1.307 ton., de Leixões, com carga em trânsito.	
HOMBERG, Alemão, de 1.820 ton., de Antuérpia, com folha de flandres.	
COSTEIRO, Português, de 630 ton., de Lisboa, vazio.	
Saídas:	
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.	
SUR, Panamenho, para Setúbal, vazio.	
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.	
CONDESA, Espanhol, para Génova, com conservas.	
HOMBERG, Alemão, para Bremen e Roterdão, com cortiça e conservas.	

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 22 a 28 de Dezembro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

## CINE-POZ

Hoje, 23, apresenta o grandioso filme A PRINCESA DO NILO, com Debra Paget, Jeffrey Hunter e Michael Rennie.

Um espectáculo vivido no fabuloso Egípcio dos tempos de Gengis-Khan.

Um conto das mil e uma noites onde o luxo e a grandeza se aliam à emoção.

Batalhas aguerridas. Um dos mais sensacionais duelos. (Espectáculo para maiores de 18 anos).

Terça-feira, 25, o magistral filme A HISTÓRIA DE GLEN MILLER, com James Stewart e June Allyson.

A verdadeira história do homem que foi um ídolo de todo o mundo.

Um poema de ternura que fala ao coração.

Um homem que triunfou graças ao carinho da mulher que compreendeu o seu sonho.

Um grandioso espectáculo musical. (Espectáculo para maiores de 15 anos).

Quinta-feira, 27, o sensacional filme A grande ofensiva, com Allan Ladd e Shelley Withers.

# UMA SEMANA

para as mães portuguesas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

cessária compreensão do seu papel, que não é apenas o de aceitar passivamente a fecundidade como fatal consequência do casamento. Gerar, sem educar, é verdadeiramente produzir uma obra em bruto, sem ter o carinho, o capricho, ao menos, de cinzelar.

A missão da Mãe é dia a dia mais difícil, senão também ingrata. Colocada em geral na posição egoísta, quase toda a Mãe pretende que o filho seja o que ela quer, objecto de moldar a um plano previamente pensado. Não se compenetra de que a criança é todo um ser diferente, livre de laços de sangue, que nada ensinam, um mundo novo, que é necessário estudar, descobrir. E' a Mãe que tem de moldar-se ao filho, não este a ela.

Mais castigada pela vida, insensibilizada pela sorte sem mutações agradáveis, a mãe pobre tem sempre tendência a entregar a criança a si própria. Faltam-lhe, na verdade, tempo, coragem, paciência, senão também doçura de génio, para se devotar inteiramente à sua missão. Demais, a maioria das mulheres de trabalho tomam como exemplo o abandono que elas próprias sofreram e entendem que o mundo pode rolar assim, de geração sobre geração. Ora rememorar isto deve ser o principal intuito da Obra das Mães. Levar a mãe embotada a um sacrifício consciente, porventura aligeirar-lhe um pouco a tarefa.

## COIMBRA E AS FÉRIAS GRANDES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

e os cursos de Férias, infelizmente, como todas as coisas boas, inacessível às massas semi-analfabetas, ou mesmo a quem pretendesse adquirir uma cultura, que um curso, secundário ou não, lhe limitou.

**4** ORA as aulas recommencaram, com o novo ano escolar. As capas negras enchem de bulício as ruas. O período morto, a época do sono, a era do: «lá vem um!» terminou. E a estagnação esquecerá. Até ao fim do ano lectivo, a vida há-de decorrer feliz, barulhantemente monótona, como a dos anos anteriores, com as velhas guitarradas, as praxes fedorentas, as sedições larachas. Até ao ano!

**5** COM tudo isto, o problema das férias grandes não deixa de ficar por resolver, de ser estagnação e morte, um problema inadiável para a cidade de Coimbra. Que Coimbra, só ela, tem de resolver.

António Augusto

Exemplo frisante deste objectivo é a Casa de Trabalho que a Obra das Mães protege no Casal Ventoso — o mais pobre dos bairros pobres — e onde, diariamente, 250 crianças, dos 2 aos 12 anos, recebem assistência de toda a espécie, desde a vigilância ao alimento e ainda, as mais velhas, lições de costura, que lhes serão bem úteis. Casas destas, sem dúvida, seriam precisas em todas as terras. A campanha só pode ter uma ressonância completa quando todas as entidades, corpos públicos e particulares, se derem as mãos para instituir as muitas creches que ainda faltam aos filhos das mulheres de trabalho. De qualquer forma, algumas têm surgido, e, a par delas, senão francamente à frente, muitas cantinas para a criança na idade escolar.

Pretende, ainda, a campanha da Obra das Mães a manufactura de berços e enxovais, que nesta quadra são distribuídos por parturientes pobres, e outros donativos em agasalhos a crianças de toda a idade.

Número culminante das comemorações, porém, é sempre a entrega dos prémios às famílias numerosas. Nós preferiríamos, simplesmente, chamar-lhes subsídios. A esse acto preside usualmente a esposa do Chefe do Estado, que faz a entrega dos donativos por suas próprias mãos. A família mais numerosa recompensada este ano tinha tido uma prole de 16 filhos, dos quais se perderam apenas dois.

A Semana da Mãe teve este ano uma consagração especial, que foi uma emissão de selos de correio. Símbolo do culto geral por toda a Mãe portuguesa, esses selos, sem dúvida, serviriam para trocar, de uma ponta a outra de Portugal, a mensagem de ternura que mais uma vez uniu todas as crianças e todas as Mães portuguesas.

Rosália Braamcamp

### Quem perdeu?

No posto da P. S. P., desta vila, encontram-se depositados e serão entregues a quem provar pertencê-lhes os seguintes objectos:

Uma chapa indicadora de velocidade, para camião, com dois «stops» e dois faróis; um capuz de plástico, para capa de senhora.

### ILUMINAÇÃO

A lâmpada alemã MERKUR, é a que dá luz mais clara, mais suave, menor consumo, e... não é mais cara.

A VENDA NA  
**Agência Comercial e Marítima do Sul**  
Avenida da República, 65  
— Telefone 76 —  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



## DESPORTO FUTEBOL

### Campeonato Regional do Algarve

Disputaram-se no passado domingo, dia 16, os encontros correspondentes à 1.ª jornada da 2.ª volta do Torneio de Apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão, tendo-se registado os resultados a seguir apontados:

Boa Esperança, 1-Lusitano, 5  
Silves, 2—U. Sambrazense, 2  
C. F. Esperança, 2  
Louletano, 1

Verificando os resultados, notamos que das equipas que jogaram em casa só uma conseguiu vencer, e por marca tangencial, o C. F. Esperança, pois as outras duas não puderam livrar-se dos seus adversários.

Assim, o Lusitano foi ganhar a Portimão, e por uma marca que dispensa comentários, pois o «score» alcançado é mais do que suficiente para justificar a brilhante vitória dos lusitanistas, em rotação para o título de Campeões Regionais.

No entanto, também é justo pôr em destaque o magnífico empate alcançado pelo Unidos Sambrazense, em Silves, que lhe dá grandes esperanças de disputarem o Campeonato Nacional da III Divisão, o que seria um grande incentivo para os rapazes de S. Brás de Alportel, pois é o primeiro ano que disputam provas oficiais.

Entretanto, o torneio prossegue, sempre com crescente entusiasmo, o que é na verdade óptimo, pois assim a prova despertará até ao fim as atenções do público.

#### Jogos para hoje:

Lusitano — Esperança  
Louletano — Silves  
Unidos Sambrazense-B. Esperança

Para o dia 25, marcou-se o jogo em atrazo Louletano-Unidos Sambrazense.

#### CAMPEONATO DISTRITAL DE JUNIORES

Resultados dos jogos efectuados no dia 16 do corrente:

Silves, 1 — Farense, 0

O encontro Portimonense-Lusitano, não se efectuou em virtude da falta de comparação da equipa vilarrealense, pelo que foram dados os respectivos pontos tabelares ao grupo de Portimão.

#### Jogos para hoje:

Lusitano-Silves  
Olhanense - Portimonense

No campo de jogos do Lusitano Futebol Clube, realiza-se no dia de Natal o já tradicional encontro de futebol, entre os empregados de Escritório e do Comércio.

Este ano a receita do encontro destina-se a auxiliar a Escola de Jogadores do Lusitano Futebol Clube.

## BASQUETEBOL CAMPEONATO DISTRITAL

Realizaram-se, no último domingo, os encontros correspondente à 1.ª jornada da 2.ª volta do Campeonato do Algarve de Basquetebol, tendo-se registado os resultados a seguir transcritos:

C. F. «Os Bonjoanenses», 56  
Lusitano, 23

Jogo no campo do Bom João, em Faro.

Árbitro: Mário Marcelino.  
«Os Bonjoanenses»: Cunha, M. Ferreira (8), Brito (16), Bernardino, Patrício (26), Cruz e Jesuino.

Lusitano: Jara, Andrade (2), Carro (6), Gavino, Salas (6) e Branco (9).

O Lusitano começou a jogar com grande velocidade e embarçou, nos primeiros momentos da partida, os de «Os Bonjoanenses», que pareciam surpreendidos pelo jogo rápido e incisivo da equipa lusitanista.

Depois, pouco a pouco «Os Bonjoanenses» foram tomando o comando do jogo, de tal modo que ao intervalo já venciam por 21-14.

Na segunda metade, a feição do jogo não se alterou, isto é, maior quinhão de domínio por parte dos rapazes de Faro, e por conseguinte a vitória está certa, se bem que o Lusitano neste segundo período tivesse sido muito infeliz nos lançamentos ao cesto.

Todavia, como já atrás ficou dito, vitória justa e certa de «Os Bonjoanenses», que tiveram as suas melhores pedras em Patrício e Brito; no Lusitano, todos cumpriram. A arbitragem agradou.

S. C. Olhanense, 47 — S. L. Faro, 34

Jogo no campo «Libertário de Sousa», em Olhão.

Árbitro: Marcelino José.  
Olhanense: Laurino (2), Brito, Martins, Flávio (12), Pitê (10), Correia (8) e Nuno (15).

S. L. Faro: Silva (3), Pinto (15), Cavaco (9), Jorge, Fontainhas (3), Carvalhal, Marmota (4), Alexandre e Rocha.

Vitória normal do S. C. Olhanense, frente ao grupo do S. L. Faro, e que os coloca assim em boa posição para discutirem o segundo posto da classificação.

Ginásio, 40 — «Os Olhanenses», 48

Jogo no campo da Majuca, em Olhão.

Árbitro: Gilberto Ferreira.  
Ginásio: J. Fernandes (6), J. Vicente (2), Alves, Pinto (10), Almeida, Lázaro e Luís do Ó (22).

«Os Olhanenses»: Simões (17), Vinhas (11), Hernâni (2), Piedade

(6), Cerro, Amaro (11), Serrano (1) e Madeira.

Mais um «derby» olhanense, que terminou com a vitória da melhor equipa no momento, «Os Olhanenses».

Depois deste triunfo, «Os Olhanenses» consideram-se os vencedores da prova, pois o Ginásio era um dos grupos que lhe poderiam dar réplica condigna, e com esta derrota as esperanças desvaneceram-se.

#### Jogos para hoje:

Lusitano - S. C. Olhanense  
«Os Olhanenses» - «Os Bonjoanenses»  
S. C. Farense - Ginásio C. O.

#### 2.ª CATEGORIAS

Ginásio, 34 — «Os Olhanenses», 44

Jogo no campo da Majuca, em Olhão.

Árbitro: Gilberto Ferreira.

Ginásio: Américo (2), M. Fernandes (9), Gonçalves (8), Bruno (12), Faisca, Romeira e Romeu (3).

«Os Olhanenses»: Pombinho (3), Liberto, Relvas (6), Rui (3), Telesforo, Casaca, Evangelista (22) e Leal Branco (10).

Com esta vitória, o C. D. «Os Olhanenses» ficou campeão do Algarve nesta categoria, tendo-se classificado em segundo lugar a equipa do Ginásio.

#### INICIADOS

Para disputa da taça «Humberto de Sousa», registaram-se os seguintes resultados:

«Os Olhanenses» C, 16  
«Os Olhanenses» D, 24

«Os Olhanenses» B, 17  
Ginásio C. O., 23

«Os Olhanenses» C, 18  
«Os Olhanenses» B, 32

Ginásio C. O., 15  
«Os Olhanenses» A, 34

S. Salas

## MOTOR

VENDE-SE

Motor eléctrico, para corrente continua, 1,5 CV, vende-se barato. Informa José Calazans Parreira Toledo, Rua S. João de Brito, 91 — nesta vila.

# CRÓNICA DE OUTONO

COMO eu vejo o Outono, nos nossos dias! São tristes os poentes, onde se acumulam, como advertência à noite, résteas ensanguentadas, de ferimentos gretados.

São tristes, tristes e vão, os esforços da própria noite na sua luta pelas trevas. O Sol não desaparece. Apenas dorme, momentaneamente. Ele vem intrinsecamente da própria indestrutibilidade.

—E como o Sol, a Liberdade jamais sucumbirá.

Pode, como Ele, dormir momentaneamente, oculto por rebanhos de nuvens. Pode sofrer todo o género de repressões, toda a espécie de violências. Ela é inerente a cada ser humano. Para destruí-la, seria

## NATAL PORTUGUÊS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

genuas e saborosas quadras de Boas-Festas.

Mas, o loiro Menino Jesus, se recebe as homenagens das crianças e dos poetas — e não só dos trovadores anónimos do povo, como dos poetas maiores de todos os tempos, de Gil Vicente a Augusto Gil — não deixou, também, de inspirar os artistas plásticos de Portugal. E se merecem especial referência as pinturas dos mestres dos séculos XVI e XVII, que representam a Natividade nas suas Tábuas devotas, deve-se larga admiração aos escultores do século XVIII, que nos legaram essas maravilhas que são os Presépios, composições grandiosas, apesar do seu tamanho exíguo, em que dezenas ou centenas de figuras de barro cozido e policromado se movimentam e enxameiam em volta de Nossa Senhora, de São José e do Menino — verdadeira apoteose do povo, que retratam, ao nascimento do Salvador.

## EDITAL

João António da Silva Graça Martins, engenheiro-chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que Manuel Mateus Pereira requereu licença para instalar uma destilaria de aguardente, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de perigo de incêndio, cheiro e alteração das águas, situada em Bornacha, freguesia de Vila Nova de Caceda, concelho de Vila Real de Santo António, distrito de Faro, confrontando ao norte com João Bernardino Pires, ao sul com Joaquim Piér Silva, ao nascente com Lucrecia do Nascimento e ao poente com o requerente.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 11 de Dezembro de 1956.

O eng.º-chefe da Circunscrição,  
João A. da Silva Graça Martins

necessário aniquilar os seres humanos.

Há coisas, na superfície da terra, que hão-de permanecer sempre as mesmas. As reacções do Homem que se sente agrialhado sob um regime alicerçado em moldes rígidos, do Homem que se encontra asfixiado no seio da onda violenta, da repressão sem princípios, para a qual todos os meios, não importa quais, são bons; do Homem que se acha lesado no que lhe é mas restritamente particular — a sua liberdade pessoal — as suas reacções digo, são e hão-de ser sempre as mesmas.

Os que seguem, horrorizados, os acontecimentos na Hungria, os que gozam desse bem inestimável — a liberdade pessoal —, os que vivem sob regimes mais ou menos solidários, mais ou menos livres, devem unir as suas vozes num grito uno, sonante, sincero. Grito de apoio de solidariedade, de confraternização.

O que se passa hoje na Hungria passar-se-á sempre que a Liberdade, a Justiça e a tolerância sejam substituídas pelo despotismo, pela injustiça e pela exploração.

Passar-se-á sempre que os homens esquecerem os conceitos básicos da harmonia sã. Sempre que esquecerem que acima, bem acima de todos os interesses sem princípios, de todas as ambições desmedidas peculiares em gente sem freio, e sem escrúpulos pela vida humana, se erguem, patentes e indestrutíveis — a Liberdade, a justiça e a tolerância.

Existindo harmonia política, há mais possibilidades de conseguir harmonia social quaisquer que sejam as religiões dos povos e dos homens.

Sem isso, a Paz está e estará sempre abalada, pronta a romper-se à primeira alicia de hostilização.

Sem isso, é inevitável a confusão, e a confusão espalha-se sobre os homens, manietando o progresso manietando a vida, manietando a civilização.

Sem isso, eu vejo o Outono nos nossos dias. Vejo as folhas ainda verdes cair em nas águas revoltas de um rio. As folhas que fizeram parte da árvore harmónica, da árvore que é o mundo, que é a Vida, que são os Homens.

Não sei para onde o rio as leva, nas suas águas revoltas. Suponho que hoje ninguém pode sabê-lo.

Contudo, nada impede que eu veja o Outono nos nossos dias.

Não é uma certeza. Não é hipótese. E', antes, uma convicção.

Joaquim Rocha Marques Ferreira

## Mocidade Portuguesa

Foi criado o cargo de Comissário Adjunto da Mocidade Portuguesa, e para ele designado o sr. dr. Joaquim Romão Duarte, para desempenho das mesmas funções.

A Ala 6.ª, desta vila, deve ao sr. dr. Joaquim Romão Duarte, a criação do seu Centro de Adaptação ao Trabalho, quando o mesmo senhor foi Delegado Provincial da nossa província.

## COLABORE NA D. C. T.

Inscryendo-se voluntariamente, sem qualquer penhor da vossa independência de ideias, além das que representam os mais puros sentimentos patrióticos.

## Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Contou Bruno, dígures, que, estando no exílio, em Paris, com Alves da Veiga, ali mandou imprimir o manifesto dos emigrados de 1891. Encarregou-se do trabalho de composição e impressão um editor de nome Schiller. Saído o manifesto da máquina, verificou-se que, por culpa da própria casa editora, saíra uma gralha, aliás de somenos importância — a troca do s de santo por um p, de tal maneira que saíu panto, em vez de santo.

O trabalho editorial tinha sido ajustado por x francos. Pois o nosso homem, ao passar o livro, muito-se, a si mesmo, em cinquenta francos — que reverteram a favor dos que lhe haviam encomendado o trabalho tipográfico.

Se os editores de agora fossem tão escrupulosos como o seu camarada de Paris, outro galo cantaria aos escritores. O pretor (quero dizer: o editor) de agora não cura, porém, dessas coisas mínimas. A única coisa em que eles não consentem é nas gralhas do seu lucro. Este tem que lhes chegar às mãos sempre certinho. Quanto às outras gralhas — as que esvoaçam nos textos — podem circular à vontade. Tem carta branca.

Isto das gralhas tem que se lhe diga. Há quem, para não deparar com elas — nunca mais ponha os olhos no jornal ou livro, depois de lhe ter revisto as provas, isso no terror de vir a deparar com alguma gralha que se escapou na revisão, fenómeno frequente, verificado como está que o autor dum texto é o menos indicado para lhe rever as provas, por ler menos o que está no papel do que aquilo que tem na cabeça.

Por mim, em relação a alguns livros meus (revisados como a cara daqueles que o revisam...), não posso pegar-lhes: Tenho a impressão de olhar para coisa vomitada!

#### OS MORTOS ESQUECEM

#### DEPRESSA

Horribo assistir à descida dum corpo à sepultura. O cheiro da terra revolvida de fresco (a terra dos cemitérios tem um cheiro característico), a sentença dos ciprestes, fechadas nos seus capotes compactos, a sobrepelia do padre, agitada pela aragem, o hissope que asperge as águas lustrais da despedida, o latínório noturno, bichanado ali mesmo à boca da cova, tudo isso cria um clima psicológico impossível de suportar. Depois, é o baque do caixão descido às funduras do buraco. De seguida, a som cavo das primeiras terras que caem sobre as tábuas. Finalmente, a asfixia total. E logo começa o barulho, a orgia dos vermes. Mas por pouco tempo se prolonga o nosso mal-estar. Talvez nessa noite ainda tenhamos algum pesadelo. No dia seguinte, a lembrança do triste espectáculo começa a diluir-se. Volvidos dias, dá a impressão de um acontecimento pré-histórico. E depois, a esponja do tempo tudo apaga.

Les morts vont vite! E ainda bem!

#### Rendeu cerca de 140 contos o Cortejo de Oferendas de Olhão

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

dustriais de Conservas, onde o presidente do Município, sr. Lourenço Mendonça, representando o sr. governador civil do Algarve, recebeu, simbolicamente, as oferendas, que transmitiu, por sua vez, ao sr. Manuel Sebastião Júnior, provedor da Misericórdia.

Entre os donativos mais avultados, figuram os do sr. ministro do Interior, 10.000\$00; governador civil de Faro, 5.000\$00; Junta de Província, 2.500\$00; Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe, 20.000\$00; dos industriais do concelho, 45.000\$00; dos operários conserveiros, 9.000\$00; de José dos Santos Rufino, olhanense residente em Lourenço Marques, 2.500\$; de Francisco Ribeiro, do Cartaxo; 3.200\$00; de um olhanense, residente nos Estados Unidos, 200 dólares; etc.

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

## CARTA DE LONGE

# Ecoss da Vida de Macau

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

trato com esta companhia, para que todos os documentários que por lá se fazem lhe fossem entregues, a bem da arte e da natureza em Portugal, e de todos os factos e aspectos da vida portuguesa, que valha a pena registar.

A delegação do Automóvel Club de Portugal teve, mais uma vez, a satisfação de ver coroados do melhor êxito os seus esforços para o «III Grande Prémio de Macau», e de outras provas automobilísticas que se realizaram nos dias 3 e 4 do corrente mês, com a numerosa assistência de mais de 20.000 pessoas que, de Macau, de Hong-Kong e de outras terras vizinhas, rodearam o Circuito da Guia, interessadas no grande certame de que Macau pode orgulhar-se, por ser a primeira cidade do Extremo-Oriente a promover tão importante acontecimento desportivo.

Pelas provas realizadas e número dos concorrentes, podem os nossos leitores apreciar o entusiasmo que o «III Grande Prémio de Macau» despertou nos aficionados deste elegante desporto, ao qual concorreram corredores de Macau, Hong-Kong e Singapura.

Sábado, 3 de Novembro: Depois dos treinos oficiais, realizou-se a prova dos principiantes — 10 voltas no circuito da Guia — 15 concorrentes; prova de senhoras — 10 voltas — 3 concorrentes; prova de 100 milhas, «handicap», para carros de produção corrente — 25 voltas — 21 concorrentes; corrida por equipas — 15 voltas — 8 equipas concorrentes. Domingo, 4 de Novembro: Depois do treino oficial, colocação dos carros para a partida e do sinal de partida, iniciou-se a grande corrida do «III Grande Prémio de Macau» — 77 voltas ao Circuito da Guia — 22 concorrentes.

Se bem que, no dia 3, o tempo tivesse concorrido para abrihar o completo sucesso desta grande iniciativa, que tem trazido a Macau milhares de forasteiros, o dia 4 apresentou-se triste, nublado, teimoso numa chuvinha miuda, por vezes mais forte, o que, de certeza, foi a causa dos pequenos desastres que se deram, felizmente sem consequências a lamentar. Mas o interesse era tão grande que poucos foram aqueles que se retiraram dos lugares destinados ao público, ao longo de todo o circuito.

Carros de variadíssimas marcas e feitos, conduzidos por conhecidos volantes, alguns de renome, foi a melhor prova de que Macau, neste particular, vai colhendo foros internacionais de grande cidade desportiva. E, apesar dos corredores portugueses serem em muito menor número, eles se houveram por forma bastante honrosa para Macau — para Portugal. E assim, D. Maria Fernanda de Menezes Ribeiro, num carro Fiat 1.100 TV n.º 43, ganhou brilhantemente a prova de senhoras, mostrando, mais uma vez, as suas qualidades de grande volante. Mário Lopes da Costa, num carro Ferrari Mundial, e Fernando Macedo Pinto, num carro MGA, classificaram-se, respectivamente, no segundo e terceiro lugares do «III Grande Prémio».

Como nos anos anteriores, pertenceu a Hong-Kong a vitória, classificando-se na grande prova, em primeiro lugar, Douglas Stean, num carro Mercedes 190 S. L., que foi delirantemente ovacionado, quando o senhor Encarregado do Governo, brigadeiro português da Silveira, lhe colocou a coroa de louros e felicitou os três primeiros classificados.

Pela assistência verdadeiramente cosmopolita e pelo entusiasmo que se verificou durante os dias deste acontecimento desportivo, Macau viveu horas de grande movimento e alegria.

À noite, realizou-se no Club de Macau uma sessão solene, durante a qual o senhor Encarregado do Governo fez entrega dos prémios aos vencedores das corridas, seguindo-se um jantar de gala e baile, tendo vários oradores usado da palavra, em entusiásticos brindes.

A abrihar este grande certame desportivo, há a assinalar a visita a esta província da 1.ª flotilha da Real Marinha Inglesa, de Hong-Kong, composta de quatro vedetas e dois caça-minas, sob o comando do LE. Com. W. J. Mc. Brien R. N., tendo-se rea-

lizado, em honra dos visitantes, grandes recepções festivas.

Promovido pela Delegação do Círculo de Cultura Musical, realizou a exímia pianista Anarosa Taddei um recital, que muito agradou pelo seleccionado programa, que executou com grandes aplausos do reduzido número de espectadores que acorreram ao Teatro D. Pedro V, desta cidade.

Como por todos é sabido, o Círculo de Cultura Musical foi criado para maior expansão da música culta, não só entre os grandes amantes desta divina arte, como também como fonte de ensinamento — educação musical — a todos aqueles que se não encontram preparados para audições que saiam fora da vulgaridade das composições ao alcance das maiorias ignorantes.

Foi, pois, uma iniciativa digna de louvor, que merece ser compreendida por forma a atingir o seu fim.

Teima-se, aqui em Macau, em reservar para os sócios do Círculo de Cultura Musical todas as audições que se realizem sob a égide desta prestimosa organização. E como os sócios são poucos, por vários motivos que não vale a pena discriminar, daí as fracas plateias com que são recebidos todos os músicos que aqui se exibem, sem que todo o público amante da boa música os possa apreciar.

Não chega, pois, a atingir os seus fins a delegação local do Círculo de Cultura Musical.

O mês de Novembro terminou

## Uma crónica por semana

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

tal nas intenções. Um Natal todo de amizade e amor cristão — porque o Natal, afinal, é uma festa cristã e um hino de amor.

Que cada um medite profundamente nas suas acções, na sua maneira de proceder para com os outros, nesta quadra de Natal. Que cada um faça, cristãmente, um sincero exame de consciência; analise, escapelize, as suas acções e a sua vida em relação aos demais e que esse exame facilite uma melhor compreensão e boa vontade entre os homens, e surgirá, então, todo o esplendor e beleza simples, mas emotiva, do Natal.

Serão mais verdes os ramos dos pinheiros, brilhará mais a chama ondulante da pequena vela. A neve, tão tradicional, cairá mais suavemente; os fios de prata terão um novo efeito; os hinos serão mais belos e musicais do que nunca; os Reis Magos envergarão os seus mais ricos mantos e trarão os mais exóticos presentes.

As crianças não andarão descalças pelas ruas e o seu pequenito coração palpitará mornamente num peito aquecido pelo amor. Os estômagos estarão aconchegados com comida quente e as carnes cobertas com pobres mas suficientes roupas. Os seus olhos terão um brilho mais intenso deixando adivinhar uma felicidade jamais conhecida.

Os casebres deixarão de emoldurar os quadros de Natal e não haverá mãos estendidas pedindo esmola. Serão anacrónicos os contos que os jornais publicarem — serão uma mistificação da realidade.

Não é preciso mais nada. Bastará que cada um procure ser um pouco melhor, mais humano, mais interessado pelo bem-estar alheio, procure diminuir um pouco

com a sensacional notícia de ter sido substituído no Governo de Macau o senhor almirante Joaquim Marques Esparteiro pelo senhor comandante Pedro Correia de Barros, em comissão na província de Moçambique, no desempenho do alto cargo de Secretário Provincial.

Segundo a notícia aqui publicada pela Repartição do Gabinete, o Conselho de Ministros aceitou o pedido de exoneração de Sua Ex.ª o almirante Joaquim Marques Esparteiro, fundado na necessidade de regresso ao serviço da Armada, em virtude, especialmente, do seu alto posto e especiais aptidões.

Mais uma vez o senhor almirante Marques Esparteiro, reconhecendo o seu posto e as suas especiais aptidões, se mostrou devotado ao serviço da Armada, onde de certo vai ocupar lugar de grande destaque.

O senhor comandante Correia de Barros é já conhecido em Macau, onde desempenhou vários cargos, em que se distinguiu pela sua inteligência, qualidades de trabalho e, sobretudo, pela honestidade e moralidade que sempre impôs a todos aqueles que aqui serviram sob as suas ordens.

Fazemos votos para que este distinto oficial, que tem todas as qualidades para ser um bom governador e conhece todas as virtudes e pecados dos habitantes de Macau, seja muito feliz no desempenho do alto cargo que lhe foi agora confiado.

Macau, Novembro de 1956.

J. de Carvalho e Régio

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

Visado pela Comissão de Censura

# O Meu Natal

(INÉDITO)

I

Mortos e vivos andam já dispersos  
Pelos atalhos deste campo santo.  
Meus pais, meus filhos meus primeiros versos,  
E até o meu final e vago canto.

Os caminhos da vida são diversos  
ulc-dos de fantasmas e de espanto.  
Em que as feras e os home s mais perversos  
Mutilaram o manco de Lepanto.

Pobre Miguel, ó infeliz Cervantes!  
O fardo que levaste sobre os ombros  
Contém a obra má dos traficantes...

Nem dominaste os miseráveis combros.  
Aqueles embusteiros de hoje e de antes,  
Os parasitas vindos dos escombros!...

II

O menino Jesus nasce em Dezembro,  
Quando as paredes húmidas, geladas.  
E as pedras que guarnecem as calçadas  
Vertem lágrimas frias, que eu me lembro

Também as noites claras de Setembro,  
Precedidas de ledas madrugadas  
Não terem o condão das madrugadas  
Para Ele vir — distante de Novembro!

Mas o Destino sofre de cegueira  
E manifesta, de qualquer maneira,  
A sua força de brutal potência,

Renasce, meu Menino, todos anos  
Para servir de espelho aos desenganos  
E aos rebates da nossa consciência!

MARCOS ALGARVE

# O MEDO DO FUTURO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

dadeiro inferno. O Homem tem medo, e esse medo assume na vida moderna as mais diversas formas. O medo do desemprego, o medo dos acidentes e da doença que inutilizam para o trabalho; o medo da morte prematura e deixar a família sem recursos; o medo de se ver um dia sem energias nos braços, reduzido a uma coisa inútil, sem préstimo e sem valor. As horas que o homem vive no presente são toldadas pelas angústias do futuro.

É certo que todos estes problemas têm merecido a atenção não só dos empresários como das próprias entidades oficiais dos diferentes países. Surgiram assim, nos fins do século XIX, medidas de previdência, os seguros sociais, tendendo a minorar ou a suprimir os mil casos que podem afectar a vida das classes de fracos recursos económicos e que não têm outras receitas a não ser o rendimento da sua força de trabalho. Mas o mundo ainda está bem longe de encontrar uma solução para a tranquilidade do homem. Ainda hoje, multidões inteiras vivem no temor e pesadelo do futuro. E, no entanto, a sociedade actual é possuidora duma poderosa técnica, senhora de meios quase ilimitados para ocorrer a todas essas necessidades.

A civilização — espantoso e dramático paradoxo — parece esmagar o indivíduo. O Homem, ao criar instrumentos que possibilitam a abundância a um grau nunca atingido em qualquer outra fase histórica, permanece servo, não já das forças da natureza, que as domina, mas de outras forças que se erguem no próprio seio da sociedade e foram sua própria invenção. Dramaticamente, a história do aprendiz de feiticeiro ganha maior acuidade, assumindo aspectos de autêntica catástrofe. Todos nós, homens, sentimos essa atmosfera do pesadelo-medo, que nos inibe de viver serenamente o dia de hoje, pois as sombrias névens que ensoambram o horizonte projectam-se nas nossas consciências.

Não desejamos ser pessimistas, mas não é pelo facto de ocultarmos as realidades que afastamos

ou eliminamos os perigos. Se fosse possível escolher vivermos os nossos dias ou em dias mais longínquos, não hesitaríamos e optaríamos pelo futuro. Esta, a nossa crença, a fé que mantemos nas forças do progresso e no destino do Homem. E, sabendo que todo o conflito se trava hoje no próprio seio das sociedades, que todo o problema reside num melhor ajustamento dos diversos interesses que dividem os homens, é de esperar que se encontre uma solução, onde a vontade do homem desempenhará papel primordial.

Talvez, então, o homem afaste, duma vez para sempre, o medo que o despersonaliza e amesquina, os mil casos que fazem da sua existência uma atmosfera inquietante, saturada de dúvidas que o envenenam, de pavores que o perturbam. Porque, só dando ao Homem o mínimo de segurança, ele poderá realizar-se inteiramente e encontrar na terra as condições para o seu desenvolvimento e erguer os olhos às belezas que a humanidade tem criado, não para deleite de uns poucos, mas para benefício de todos.

Rodrigues Pena

## EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República

— Telefone 12 —